

6. Entendimentos

É fundamental que eu termine a seção de entendimentos reforçando a consciência do quão pessoal e terapêutico foi o processo de pesquisa.

A tessitura de todas as abordagens teóricas, somadas à busca pessoal por entendimentos que fossem além de conhecimento acadêmico, definitivamente, transformaram o meu olhar, não somente para a sala de aula da turma 1001, mas para todas as salas de aula nas quais leciono e, também, nas salas de aula que já frequentei no passado.

Os entendimentos construídos no tempo presente ultrapassam a barreira do próprio presente e trazem novos entendimentos sobre o passado.

Iniciei o ano letivo de 2012 na turma 1001 com uma questão que buscava entender como alunos que, assim como eu, sentiam medo de se expressar em público construíam suas identidades e eram construídos por seus conviveres escolares.

Finalizei esse mesmo ano letivo com alunos desinibidos, mostrando que desempenham a todo o tempo, dentro de seu status de aluno e, algumas vezes confluindo outros status, vários papéis. Eles são colegas, são observadores, são delatores, são cidadãos conscientes de direitos e deveres, são redatores ávidos por serem conhecidos pelos que estão no seu entorno e são, também, alunos que vivem uma riqueza enorme de experiências diárias que estão além do acúmulo e apreensão de conhecimentos curriculares.

Assim, um novo e grande entendimento sobre a sala de aula me invadiu: reconhecer que somos plurais ainda que seguindo um repertório tão conhecido e tão frequente como os que desempenhamos na sala de aula.

A experiência, sob a perspectiva de Bondía, me deu como resposta, a ciência de que o medo pode paralisar, mas também pode ser a força motriz para mudanças se ele for mais do que um sentimento preso a narrativas sobre o passado.

Como percebido ao longo do desenvolvimento desta dissertação, meu objetivo primeiro era o de buscar nas produções escritas dos alunos, quando tinham como tema suas vidas e no contexto escolar, compreender como eles

lidavam, então, com algo que tornava tão difícil a minha interação com os outros devido ao meu enorme medo de falar, de me expressar da forma que fosse nos meus tempo de aluno. E, sabendo por diálogos com outras pessoas, em anos, que essa não era uma realidade vivenciada somente por mim, pretendi levar adiante a minha questão e transformá-la não numa reflexão pessoal, mas em um trabalho que pudesse ser relevante para a área de estudos da linguagem e de contexto escolar.

As diversas produções dos alunos apontavam para várias perspectivas ao mesmo tempo e tornavam a minha necessidade, provavelmente ingênua, de encontrar entre todas aquelas vozes e demonstrações de inquietações semelhantes às aquelas que eram minhas. Porém, foi necessário que eu expandisse o meu foco e tentasse reconhecer, enfim, que havia questões bem maiores que a minha e que eu ainda não era capaz de notar que a minha busca restrita deixava de lado diversos e ricos temas que emergiam nos dados.

O primeiro grande confronto que enfrentei ao começar a analisar os dados foi perceber que a minha figura de professor não parecia ter grande influência nos acontecimentos que eles sentiam necessidade de registrar. Na verdade, do meu ponto de vista atual, a minha performance de professor parece ter servido, basicamente, como sustentadora do tipo de atividade que se realizava ali: a aula.

Em vários relatos de alunos, notei, tristemente, que toda minha tentativa de criar aulas interessantes, de ser útil como professor de Língua Portuguesa, de dizer coisas que eles levassem, talvez, para a vida fora da sala de aula, era vista como, estritamente, *fala de professor*, isto é, daquelas que não são diferentes das de nenhum outro que tenha passado pela vida deles.

Notei que a relação entre aluno e professor não era, nem de longe, a coisa mais interessante ou, sequer, importante que acontecia nas minhas aulas. Nesse momento de observação dos dados, me senti confuso. Sobre o que eles tanto escreviam então? Não pareciam ser assuntos aleatórios. Certamente havia algo naqueles dados que eu não era capaz de notar. Meu olhar ainda era restritivo. Eu ainda buscava algo sobre o qual eu me identificasse de imediato – provavelmente, o medo – me projetando, novamente, no status de aluno.

Foi durante uma aula do curso de mestrado que uma observação da professora Maria do Carmo Leite Oliveira que tive uma pista do que talvez existisse naqueles dados.

Pensando sobre o que me fazia ter medo de me expressar e de falar na sala de aula do colégio, e acreditando que o *monstro* se encontrava na relação entre professor e aluno, comecei a perceber que, mesmo pra mim, o confronto não era com o Monstro-professor, mas na relação com o Monstro-colega-de-classe. E assim o percebi nos registros textuais dos meus alunos.

É provável que o leitor desta dissertação, em um primeiro momento, imagine que, a partir do título, eu vá mostrar que o Monstro é incorporado ou pelo professor ele mesmo, ou pelos alunos, polarizando os dois status de participantes de uma sala de aula.

Na verdade, devo confessar que o Monstro já teve várias caras. Já foi incorporado pelos meus professores das escolas em que estudei, pelos colegas de classe e até pelos meus alunos (já atuando como professor). Porém, coincidência ou não, assim como na obra literária e também no filme, “O Médico e o Monstro”, a figura mais em acordo com a que representaria o Monstro sou eu mesmo. Não por questões de desvios psicológicos ou por falhas de caráter, mas porque o Monstro existe dentro do mesmo ser que o teme. O Monstro é o olhar que temos sobre nós e sobre como somos vistos perante o outro. O Monstro é o receio de não ser bem visto.

Raramente, podemos ter certeza sobre como somos vistos pelo outro. Sobre esse aspecto, Thomas¹ diz:

É também sumamente importante que compreendamos que, na verdade, na existência cotidiana não dirigimos nossas vidas, tomamos nossas decisões ou alcançamos metas, nem de maneira estática nem de maneira científica. **Vivemos de inferências**². (*apud* Goffman, *Representações do Eu na vida Cotidiana* – 2009, p.13)

São as inferências sobre como somos vistos, mediante a realização de determinados papéis que geram e, dependendo da relação pessoal do ator e seu papel, parecem nos trazer o ponto-chave dessa discussão: o Monstro está em mim e ganha forma a partir de inferências que faço sobre o olhar do outro sobre mim.

É possível que, como sugiro na introdução desse material, o meu Monstro me acompanhe desde o início da vida escolar. Afinal, a escola é o primeiro meio

¹ William I. Thomas.

² Grifo meu.

social em que estamos longe da nossa família, e no qual se está suscetível a qualquer “má” inferência que se pode fazer uns sobre os outros. Na escola, ainda que se queira agradar o professor e haja esforços para criar uma boa impressão para ele, a chance de ser mal visto pelos colegas de classe é muito maior. Pois até o aluno que é estudioso, participativo e que tem boas notas, corre alto risco de ser mal visto pelos colegas.

Crer que o objetivo maior de qualquer aluno de uma sala de aula seja o bom desempenho escolar (notas boas) foi o grande e mais interessante equívoco que cometi antes de observar o que os dados sobre turma 1001 parecem mostrar. Sobre esse assunto, Allwright³ já alerta que o ponto central da vivência dos alunos em sala de aula se situa na necessidade de *sobrevivência*. Segundo o autor, essa necessidade surge em três dimensões: a do bom desempenho escolar, a do sucesso social entre os colegas e a da harmonia social unida ao desempenho escolar.

Durante muitas aulas ao longo do ano, tive a impressão de que participar ativamente das minhas propostas pedagógicas parecia gerar problemas de relacionamento entre os alunos. Em várias circunstâncias, reparei que um ou outro aluno, que recebia um elogio meu por uma opinião interessante ou por uma resposta correta era prontamente rejeitado com comentários satíricos de outros colegas.

A turma 1001 era conhecida e se auto-reconhecia como a “pior” turma do colégio naquele ano no tocante ao desempenho e ao comportamento. Ainda assim, a interação social entre eles não era ruim. Logo, qualquer aluno que ameaçasse assumir uma postura participativa, corria o risco de perder o status de *colega* e ser afastado para o mal-visto status de “bom aluno”, pelos próprios colegas. Provavelmente, essa seria uma atitude que descaracterizaria o grupo e confrontaria os outros alunos com uma postura que eles, até então, conseguiam seguir sem adotar.

Parecia ser uma lei velada que existia entre eles e a respeito da qual o professor nada poderia legislar contra ou a favor. Ainda que o aluno participativo fosse defendido em casos de comentários ruins dos colegas e que, naquele instante, nenhum outro aluno se posicionasse contra o professor, o receio de perder a relação harmoniosa entre os colegas falava mais alto.

³ “Making sense of life in the language classroom: the significance of participant orientations, 1996.

Assim, a perspectiva adotada de que os participantes de sala de aula se dividiam entre professor e alunos precisou ser revista. Existem mais papéis em questão além dos institucionais. A sala de aula é um espaço em que habitam mais papéis que apenas professor e alunos.

Ao pensar nos participantes de uma sala de aula, costumamos citar, quase instantaneamente, professores e alunos. Tomamos o status institucional como representação dos seres que ali existem. E ainda que, no tempos atuais, pensemos sobre as questões psicológicas que envolvem esses participantes, deixamos de perceber que eles, efetivamente, representam e são mais que professores e alunos, mesmo que atuando no contexto escolar.

O que quer dizer que quando pensamos na sala de aula, nos deparamos com tipos de desempenhos já conhecidos e sempre realizados pelos participantes também conhecidos, isto é, professores e alunos. Entretanto, se adotamos uma perspectiva que privilegie somente este páreo de papéis, anulamos a possibilidade de perceber a diversidade de experiências de vida e marcas dessas experiências que os participantes venham a demonstrar.

A escolha por uma análise que privilegiasse o gerenciamento de papéis deixará, inevitavelmente, importantes complexidades inexploradas no que compreende a diversidade de aspectos que constituem a sala de aula. Todavia, o tratamento, aqui, se posiciona diante do fenômeno de variedade de expressão das identidades dos indivíduos. O que mais somos na sala de aula além de professor e alunos?

Ainda que os papéis de professor e alunos deem forma ao que conhecemos como a conduta das interações em sala de aula, os outros papéis que se entrelaçam na vida desses participantes não se tornam desfragmentados mediante um olhar superficial. E se considerarmos os outros status de cada indivíduo, a riqueza de vozes existentes e atuantes naquele meio será enorme.

Assim como os dados desta pesquisa, construídos sob a forma de relatos de campo de professor e alunos a respeito das aulas de Língua Portuguesa mostram uma visão “prismal” sobre uma mesma aula, isto é, nos permite perceber que uma mesma aula vista sob diferentes perspectivas torna-se muitas aulas diferentes, o olhar para os participantes também adquire um mesmo teor “prismal”, evidenciando que um mesmo aluno ou o mesmo professor atua, dentro de seus status de professor e alunos, de formas diversas e assumindo papéis diferentes.

O foco desta pesquisa é, justamente, não desintegrar, analiticamente, as representações dos participantes em variedades de papéis, mas, assumindo a variedade, perceber como cada indivíduo, munido de um conjunto de papéis, se relaciona e expressa seus pontos de vista. Minha perspectiva é observar os alunos atuando como alunos, mas permitindo que suas outras vozes e relações além das da relação professor-aluno/aluno-professor.

O Mestre, aqui, representa, para mim, aquele que hoje no papel de professor, traz consigo o monstro que o assola e que, observando o Outro e a si mesmo, procura desvendar a grandeza, ou não, dos seus receios surgidos nos tempos de aluno do ensino fundamental.

O primeiro capítulo deste material representa a minha busca inicial. Nomeei como “medo” aquilo que me impedia de falar perante meus colegas de classe. Acreditei que, da perspectiva atual de professor, eu pudesse me sentir no lugar que, antes, o monstro habitava.

Percebo, porém, que o que me assolava não era um personagem assombroso e encarnado do ambiente escolar. O olhar do outro, como cito acima e demonstro em alguns trechos de análise dos dados, é quem encarna o Monstro. O Mestre, então, é aquele que busca conhecimento, aprendizado para enfrentar o seu medo, antes, difuso, mas frequente. O Mestre, do ponto de vista mais pessoal desta dissertação, é aquele que traz consigo questões que precisa entender.